

Um novo objeto para os estudos sobre memória: mortes e funerais de presidentes republicanos

Douglas Attila Marcelino*

Resumo: Recentemente, vários historiadores têm se voltado para o estudo dos mecanismos de construção de memórias. Com isso, temas de pesquisa como as festas cívicas e eventos rememorativos de acontecimentos históricos ganharam importância. Esta pesquisa estuda a morte e os funerais de presidentes brasileiros republicanos como instrumentos para a análise das reconstruções de uma memória política nacional, entendendo tais episódios como momentos favoráveis para a produção de uma certa biografia do morto ilustre e para a reconstrução de uma determinada versão da história do país. Assim, os funerais de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Tancredo Neves serão objetos importantes de investigação, além da construção de monumentos e de outras formas de construção de memória relacionados com a morte desses presidentes.

Palavras-chave: Presidentes – Memória - Morte

Abstract: Recently, several historians have been studying the mechanisms of construction of memoirs. Like this, research themes as the civic parties and rememorative events of historical events won importance. This research studies the death and the republican Brazilian presidents' funerals as instruments for the analysis of the reconstructions of a national political memory, understanding such episodes as favorable moments for the production of a certain biography of the illustrious dead and for the reconstruction of a certain version of the history of the country. Like this, Getúlio Vargas's funerals, Juscelino Kubitschek and Tancredo Neves will be important objects of investigation, besides the construction of monuments and of other forms of construction of memory related with those presidents' death.

Keywords: Presidents - Memory - Death

O campo de estudos sobre fenômenos como rituais, festas, cerimônias e comemorações parece, hoje em dia, já possuir seu lugar consolidado na historiografia de modo geral. As renovações no âmbito da história política, seu entrecruzamento com a história cultural e com outras disciplinas como a antropologia, a sociologia e a psicologia, trazem no seu bojo novos objetos de análise, ramificando-se ainda para os planos dos imaginários sociais, das representações e mitologias políticas, da invenção de tradições, da conformação de identidades coletivas e das chamadas culturas políticas. Certamente, é possível delinear diversas tendências teóricas dentro deste grande arcabouço de questões que sobressaltam o território do historiador. Não obstante, a preocupação com a dimensão simbólica da vida coletiva sobressai a praticamente todas elas, trazendo consigo uma reviravolta crítica acerca de determinados pontos até pouco tempo atrás tidos como consensuais. A ruptura com a concepção de que o imaginário e as representações políticas são apenas epifenômenos de uma

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e bolsista do CNPq.

realidade social definida *a priori*, por exemplo, conforma-se como um dos alicerces dessa espécie de rearticulação teórica. Outras importantes inflexões para um enriquecimento deste campo, entretanto, parecem demorar um pouco mais para se concretizarem efetivamente, particularmente no que concerne ao âmbito da historiografia brasileira.

Este parece ser o caso das discussões acerca do lugar dos ritos, rituais e festividades no contexto das sociedades contemporâneas. Ao mesmo tempo em que se mostram cada vez mais afirmadas certas convicções que fundamentariam este tipo de análise, a feitura de novos trabalhos sobre como tais fenômenos se verificaram na história brasileira mais recente ainda se mostra muito aquém da produção dispensada aos mesmos objetos em outras conjunturas históricas, como o período colonial.¹ Refiro-me, no primeiro caso, às reflexões teóricas que, contrapondo-se às concepções fundamentadas na tradição durkheimiana de que somente se poderia falar de ritual para as “sociedades tradicionais”, fundamentadas na religiosidade (DURKHEIM, 1996), defende uma extrapolação do conceito também para a contemporaneidade (redimensionando, assim, o papel do plano simbólico e da ritualização na história recente). Nesse âmbito, chegamos a propostas de inversões radicais das concepções mencionadas, na medida em que determinados autores passaram a defender que, mais do que em outras, é nas sociedades contemporâneas mais complexas que os mitos e os ritos assumem um papel fundamental (KERTZER, 1988). Outros analistas, por sua vez, partiram para proposições mais comedidas e interessantes, defendendo o estudo dos rituais na história recente a partir da rejeição de “dois obstáculos: seja a idéia de uma certa diminuição dos rituais em nossas sociedades, na escala da geração; seja vê-los por toda a parte” (SEGALEN, 1999).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que foram sendo matizadas concepções tão propaladas há algum tempo, como as de que teria havido uma quase completa “desritualização” do mundo a partir da modernidade, as pesquisas brasileiras sobre rituais e festividades, em sua grande maioria, chegaram no máximo ao início do período republicado ou, quando muito, ao Estado Novo. Considerando mais estritamente as ritualizações e simbolizações relacionadas à morte, por sua vez, verificamos que praticamente inexiste uma historiografia sobre a questão no pós-1930 da história brasileira. Se as cerimônias fúnebres ainda são menos estudadas do que as festas cívicas, mesmo em outros períodos históricos, ainda assim a ausência não se justifica, pois importantes trabalhos têm sido produzidos sobre outras conjunturas.² É com o objetivo de enriquecer este campo de estudos sobre a história

¹ Ver algumas referências da produção sobre o tema na bibliografia ao final.

² Para todos os casos citados, ver algumas indicações na bibliografia.

recente, portanto, que propomos a análise dos rituais fúnebres de presidentes brasileiros do pós-30, particularmente aqueles de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Tancredo Neves. Como indicaremos, tais funerais assumiram traços bastante peculiares e constituem-se como possibilidades de acesso ao estudo de uma das áreas de ponta do que se tem chamado de “nova história política”: o da memória e dos usos políticos do passado.

De fato, as mortes e os funerais de presidentes parecem momentos interessantes para o estudo das disputas em torno de suas memórias. Apesar do estudo de funerais não ser algo propriamente novo na historiografia, somente recentemente têm-se discutido mais profundamente seu papel na construção de uma memória política nacional, sendo uma lacuna importante a ausência de estudos sobre o fenômeno na história brasileira mais atual. Acompanhando o direcionamento de parte importante da historiografia para problemáticas relacionados ao campo da memória nas últimas décadas, certos autores têm consolidado pesquisas relevantes sobre o tema, sobretudo no que diz respeito a determinadas realidades nacionais do século XIX. Assim, as reflexões de Fernando Catroga para o caso português, por exemplo, podem servir como um interessante ponto de partida àqueles preocupados com as conformações assumidas por tais fenômenos no século XX ou em outros países (TORRALBA, MENDES, CATROGA, 1998). Para além das mortes e funerais como eventos relevantes à reflexão sobre disputas memorialísticas, nossa pesquisa se volta também para formas de rememoração posteriores, que tomam justamente tais acontecimentos como objeto. Nesse sentido, a indicação da vasta produção de lembranças sobre tais fenômenos, seja no que diz respeito a eventos de rememoração ou a outros planos como a produção de literatura de cordel, possibilitará demarcar a própria importância que eles ganharam no imaginário nacional e na consolidação de certos mitos sobre a história do país.

Os funerais de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Tancredo Neves

No dia 24 de agosto de 1954, horas depois do disparo com o qual Getúlio Vargas selou sua vida, a capital da República tornou-se palco de intensas agitações por conta do suicídio do presidente.³ Muitas pessoas, ao saberem da morte de Vargas, foram imediatamente ao Palácio do Catete, onde permaneceram horas em busca da possibilidade de ver o corpo. As demais ruas do Rio de Janeiro, próximas à sede do governo, também foram tomadas por

³ Esta narrativa está baseada nas edições de grandes periódicos lançados logo após as mortes dos “presidentes” destacados, entre eles os jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo* e a revista *Manchete*. Devido aos limites deste artigo, optamos por evitar as várias citações que seriam necessárias no decorrer do texto.

populares desde cedo. Pela tarde, distúrbios mais violentos aconteceram, quando centenas de pessoas, armadas com pedaços de madeiras e dando vivas ao presidente morto, percorreram as ruas da cidade, rasgando cartazes de propaganda dos candidatos antigetulistas. Grupos da Polícia, do Exército e da Aeronáutica foram chamados para conter a população, mas, ainda assim, houve a depredação de edifícios, como o da *Esso*, além das ameaças que pairaram sobre a sede do jornal *Tribuna da Imprensa*, da *Rádio Globo* e da Embaixada Americana. Na Praia do Flamengo, quando a notícia da morte de Vargas foi veiculada pelo rádio, carros particulares, táxis e coletivos pararam em plena avenida e seus passageiros, estupefatos, se dirigiram aos passageiros de outros carros, procurando por informações, como se não quisessem dar crédito ao que ouviam nos rádios. Outras capitais como São Paulo, Belo Horizonte e Recife também foram alvos de agitações. As mais graves ocorrências aconteceram em Porto Alegre, quando a população incendiou dois jornais e uma emissora de rádio identificados como oposicionistas ao governo Vargas.

Estatísticas de órgãos de imprensa getulistas, como o jornal *Última Hora*, estimaram em um milhão de pessoas a multidão que teria passado pelas imediações do Palácio do Catete no dia 25. Dali saiu um enorme cortejo fúnebre em direção ao aeroporto Santos Dumont. Já a revista *Manchete* descreveria o mesmo acontecimento como “uma das maiores manifestações populares jamais verificadas no Brasil”. As fotografias do período dão conta de uma enorme multidão a percorrer o trajeto em direção ao aeroporto, a partir do qual o corpo de Getúlio Vargas seguiu para o sepultamento em São Borja, sua cidade natal.

A marcha em direção ao aeroporto durou cerca de quarenta minutos e foi marcada por um grande número de desmaios e incidentes. Em vários episódios, os populares procuraram ditar os rumos do cortejo fúnebre, como aconteceu na área militar do aeroporto: indiferente aos vários fuzis dos soldados da Aeronáutica que apontavam para o campo de pouso, a multidão arrebatou o caixão da carreta e ingressou no local, cantando o Hino Nacional. Em seguida, os restos mortais de Getúlio Vargas foram conduzidos para São Borja, onde seriam vistas diversas outras cenas de forte apelo emocional.

Episódio semelhante aos funerais de Getúlio Vargas somente aconteceria durante o regime militar, com a morte e o cerimonial fúnebre do ex-presidente Juscelino Kubitschek, em 22 e 23 de agosto de 1976. Vítima de um fatídico acidente na Via Dutra, quando o Opala em que viajava junto ao seu motorista chocou-se com um caminhão, Juscelino ainda detinha uma popularidade que contrastava com os vários anos de ostracismo em que esteve afastado da vida pública pelo regime militar. No dia seguinte ao episódio de sua morte, cenas de forte carga simbólica seriam vistas nas homenagens à sua memória prestadas nos cortejos fúnebres

do Rio de Janeiro e de Brasília, os quais reuniram também um número bastante expressivo de pessoas. As cenas de forte comoção popular, na verdade, já podiam ser percebidas logo depois que as transmissoras de rádio começaram a divulgar a notícia do acidente. Muitas pessoas se dirigiram ao Instituto Médico Legal buscando informações sobre a hora da chegada do corpo do ex-presidente ao Rio de Janeiro.

Foi em torno do edifício da revista *Manchete*, na Praia do Russel, no entanto, que ocorreriam as cenas mais comoventes. O número de pessoas que participaram do velório foi calculado em torno de cinco mil. O episódio foi marcado por momentos de grande emoção, uma vez que gritos e choros intermitentes eram ouvidos com frequência por todo o saguão do edifício da *Manchete*. Na rua, milhares de acompanhantes cantavam a música preferida do ex-presidente, *Peixe Vivo*, e entoavam os hinos Nacional, da Independência e à Bandeira. O acontecimento durou cerca de dez horas, até que, depois de os populares exigirem carregar o caixão em seus próprios ombros, a procissão saiu em direção ao aeroporto Santos Dumont. Foram cerca de três quilômetros de caminhada, com freqüentes vivas a JK. Dali, os restos mortais de Juscelino seguiram para o aeroporto do Galeão e depois para Brasília, onde um cortejo ainda mais espetacular lhe esperava. Quando o avião deu entrada na capital, cerca de 30 mil pessoas já aguardavam a chegada dos restos mortais do presidente para fazerem suas homenagens. O funeral foi seguido até a catedral de Brasília por cerca de quatro mil veículos. Na catedral metropolitana, a cerimônia celebrada pelo arcebispo de Brasília foi interrompida, quando centenas de pessoas romperam o cordão policial que a cercava aos gritos de “JK, JK, JK”. Muitos tinham crises de choro. Enquanto autoridades religiosas pediam aos presentes para “não se esquecerem que ali era a casa de Deus”, uma multidão invadia o templo e as flores das coroas – que se estendiam em tapete do altar até a entrada da catedral – eram atiradas sobre o caixão por diversas pessoas. Do lado de fora, nem os três choques da Polícia Militar e os três da Polícia Especial, com 500 policiais, conseguiam conter os ímpetos dos populares que se comprimiam gritando o nome do ex-presidente. Muitas outras cenas comoventes se sucederam no último trajeto do esquife em direção ao cemitério Campo da Esperança, onde Juscelino Kubitschek foi finalmente sepultado.

Nenhum dos cerimoniais anteriormente mencionados, em termos de presença de populares, atingiu a marca do cortejo fúnebre de Tancredo Neves, avaliado em cerca de dois milhões de pessoas. Contrastado com a sisudez e a discrição presente nos funerais dos generais-presidentes da ditadura militar que então se encerrava, o enterro de Tancredo Neves foi marcado por um aumento do caráter de espetáculo conforme já tinha ocorrido com os de Vargas e Juscelino. A prolongada agonia do presidente eleito, diariamente transmitida pelos

meios de comunicação, certamente serviu para acentuar a dramaticidade que o evento ganhou. Houve cenas inusitadas, como as que antecederam a saída do corpo de São Paulo, quando a população tomou à força a incumbência de escoltar a urna mortuária que se encontrava sobre o caminhão do corpo de bombeiros.

A multidão que aguardava em frente ao Instituto do Coração se conteve apenas num primeiro momento, passando em seguida a tomar conta de tudo. A seguir, os populares atravessaram as barreiras dos esquemas de segurança, afastando os batedores e ditando, “com sua dor coletiva e sua emoção, seu próprio cerimonial: os carros oficiais foram esquecidos e o caminhão vermelho do corpo de bombeiros foi acariciado e protegido”, como descreveu o *Jornal do Brasil* do dia seguinte. A urna mortuária foi acompanhada por um número imenso de pessoas que, “correndo, andando, cantando, chorando”, a conduziram por mais de dez quilômetros, formando, segundo a revista *Manchete*, “um cortejo sem precedentes na história do país”. Assim, “nem Getúlio Vargas, que deu um tiro no coração em 1954, nem Juscelino Kubitschek, que morreu num acidente de automóvel em 1976, conseguiram reunir multidão tão grande”.

Após o cortejo de São Paulo, o corpo de Tancredo Neves seguiu para Brasília, onde cenas semelhantes puderam ser observadas. Vale destacar que sua morte acontecia no momento que despontava o que muitos intelectuais chamaram de clima de “renovação cívica” ou de “retomada dos símbolos nacionais pelos populares”, conforme já tinha se evidenciado no ano anterior, por conta da campanha pelas eleições diretas para presidente. Agora, mais do que nunca, o ritual de enterro de presidentes assumia novas feições, adquirindo características típicas de uma festa cívica. Tanto o canto “Um, dois, três, quatro, cinco, mil, Tancredo continua presidente do Brasil!”, quanto o uso pouco solene dos símbolos nacionais demonstram o caráter excepcional que também assumiu o cortejo da capital. A cerimônia ganharia também um certo tom de manifestação política contra a ditadura militar. Os protestos perpassaram todo o episódio, assim como tinha acontecido nos funerais de Juscelino Kubitschek. Além das bandeiras do Brasil, que podiam ser observadas tremulando em diversos pontos, e do Hino Nacional, ouvido várias vezes, o cortejo também contou com proclamações mais veementes feitas em uníssono pelos populares: “O povo, unido, jamais será vencido!”; “O povo, na rua, a luta continua!”.

Ao longo da caminhada de mais de quatro horas com o corpo de Tancredo Neves, do aeroporto de Brasília até o Palácio do Planalto, foram recorrentes cenas de choro convulsivo, ou mesmo de desmaios repentinos. Os restos mortais do falecido presidente, depois de uma cerimônia religiosa no Palácio do Planalto, seguiram ainda para Minas Gerais,

passando pela capital mineira e por sua cidade natal, São João del-Rei. Em Belo Horizonte, a agitação popular provocou tumultos e acidentes em frente ao Palácio da Liberdade, devido ao empurra-empurra para ver de perto a urna mortuária. A confusão levou a viúva Risoleta Neves a discursar pedindo calma aos populares e aumentou ainda mais a auréola de heroína que vinha sendo criada em torno de sua figura. Em São João del-Rei, o corpo do presidente ainda passou pelo solar dos Neves, local reservado unicamente para a família, sendo depois velado na Igreja de São Francisco de Assis, também repleta de populares e de demonstrações de pesar por parte dos sãojoanenses. Naquela igreja, na qual Tancredo Neves foi enterrado, não faltaram outras manifestações de civismo e de esperança na chamada Nova República.

A morte e os funerais de Tancredo Neves talvez sejam alguns dos melhores exemplos de como tais acontecimentos podem servir à constituição de uma imagem heróica em torno de um determinado personagem. Durante os 39 dias em que o presidente eleito esteve internado no Instituto do Coração, ele já tinha sido objeto de diversas representações que o identificavam como uma “síntese das aspirações do povo brasileiro”. Após sua morte, a figura de Tancredo Neves concretizou-se como a de um mártir que lutou em favor das instituições republicanas e da consolidação da democracia. Não foi à toa, portanto, que sua imagem foi logo associada à de Tiradentes, principal símbolo da implantação da República no Brasil, ou mesmo à de outros personagens históricos que compõem o panteão dos heróis nacionais.

Considerações finais

Os três cortejos fúnebres anteriormente mencionados conformaram-se como importantes eventos históricos pelo próprio caráter momentoso de que se revestiram, haja vista a presença de um grande número de populares e as cenas comoventes do desespero de pessoas comuns diante dos “esquifes presidenciais”. Cenas de forte apelo popular e de “quebra” das solenidades podem ser observadas em todos eles, inaugurando novas conformações simbólicas em relação aos funerais de chefes de Estado e figuras ilustres de outras conjunturas, como a Primeira República, quando seu caráter bastante ordenado implicava na manutenção da ordem e da hierarquia social (GONÇALVES, 2000). Analisá-las, portanto, é um dos principais objetivos de nossa pesquisa, pois elas nos possibilitarão refletir sobre o significado que estes eventos passaram a ter na constituição das memórias sobre essas personagens históricas. Se suas mortes deram margem a diversas mitologias e ocuparam um lugar importante no imaginário popular, seus rituais fúnebres tornaram-se eventos cuja

lembrança traz à tona uma determinada imagem que se queria passar desses presidentes, sendo bastante destacados em suas biografias e nos memoriais construídos em suas homenagens.

Por outro lado, os momentos de morte dos mencionados presidentes, naturalmente, conformaram-se como importantes marcos a partir dos quais suas memórias entraram definitivamente no campo das lutas simbólicas. É comum encontrarmos a concepção de que, após a morte de uma pessoa de vulto histórico, ela entra para a história do país, donde parte-se para encadear os eventos de sua vida de modo a explicar sua importância na construção da nação. Praticamente todos os jornais, após a morte de um presidente, publicavam sua biografia e seus feitos mais importantes em favor do desenvolvimento nacional. É a partir do falecimento de uma personagem, portanto, que se acirram as disputas pela sua memória, sendo esse um momento privilegiado para a feitura de biografias e para a tentativa de captar os movimentos da memória nacional. E a entrada da sua memória no plano das lutas simbólicas já começa a se configurar no momento do ritual fúnebre em sua homenagem, certamente uma ocasião cuja influência será importante nas imagens que depois vão vigorar sobre aquela figura histórica.

Referências bibliográficas:

- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GONÇALVES, João Felipe. Enterrando Rui Barbosa. *Estudos Históricos*, v. 14, n. 25, p. 135-61, 2000.
- JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (orgs.) *Festa: cultura e sociedade na América portuguesa*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- KERTZER, David I. *Ritual, politics and power*. New Haven: Yale University Press, 1988.
- PRIORE, Mary del. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RODRIGUES, Claudia. *Lugares dos mortos na cidade dos vivos*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.
- SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Amado, CATROGA, Fernando. *História da História em Portugal*. Lisboa: Temas e Debates, 1998.